



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



**Eixo Temático:** Educação e Formação de Professores

## **O ATO PEDAGÓGICO DO PROFESSOR**

Larissa Taís Seibt<sup>1</sup>  
José Pedro Boufleuer<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O trabalho do professor engloba múltiplas nuances, e o que mais suscita reflexões em seu âmbito é o fazer pedagógico, que pressupõe a sua autoimplicação no processo formativo que envolve a relação com os alunos. Sabe-se que esse seu trabalho acaba sendo influenciado por diversas outras instâncias, épocas, instituições e pessoas. Inclusive os próprios alunos, que estarão implicados e serão implicados por ele e seu fazer, contribuirão a seu modo com o êxito maior ou menor dessa relação que ainda é tão importante dentro da sala de aula nos dias atuais. Com isso, surgem várias observações sobre esses processos e relações, sobre as quais brotam curiosidades e muito mais dúvidas do que respostas, mas, mesmo assim, trata-se de um tema que vale a pena ser dissertado e discutido.

**Palavras-chave:** Aluno. Aprendizagem. Ensino. Professor. Relação.

### **INTRODUÇÃO**

O fazer pedagógico, como ação própria do professor, é um tema instigante e que permite uma série de reflexões. No presente trabalho consideraremos especialmente o que se põe no âmbito em que se realiza, ou seja, o âmbito da educação e da dinâmica das relações pedagógicas. A ação educativa sempre se apresenta como forma de propagação do humano, como conservação daquilo que a humanidade construiu ao longo dos tempos, na perspectiva de manter o que é considerado valioso ou fundamental ser passado para as gerações seguintes e para a continuidade da vida em sociedade (SAVATER, 1998). Nesse sentido, como entende Boufleuer (2023, p. 38) “sem a convicção de que tenha valido a pena a construção de um mundo

<sup>1</sup> Bolsista PROSUC/Capes; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí; e-mail: larissa.seibt@sou.unijui.edu.br

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela UFRGS; professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí; e-mail: jospebou@unijui.edu.br



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



humano, ou que seja importante que esse projeto de mundo humano tenha continuidade, não há porque educar”.

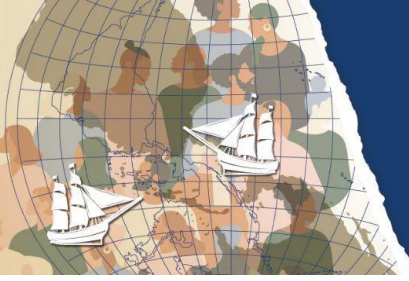
O fazer pedagógico há muito vem ocorrendo, seja de forma mais ou menos espontânea, seja de forma sistematicamente programada, como ocorre nas instituições educativas. E hoje sabemos da importância de uma educação que faça sentido, tanto para quem aprende, quanto para quem ensina. Há, por isso, uma série de condições que se põem tanto pelo lado do professor como pelo lado dos alunos, ou seja, há uma mediação que importa ser estabelecida. Nesse assentido, a ação do professor assume um grau de complexidade, pois obviamente não apenas se trata de uma mera apresentação de conteúdos de ensino que o aluno fatalmente devesse assimilar, aprender ou aprender da forma como o professor os imagina apresentar. Por isso, o horizonte ao qual se orienta o trabalho do professor é mais amplo, ainda que permeado de muitos desafios. E é nesse sentido que se assume, na presente abordagem um conceito de aprendizagem como processo de autoconstituição, entendido, conforme Boufleuer (2023, p. 38), como “o ato de construção mediante o qual passamos a ter novas habilidades, novos modos de percepção, novas formas de nos situar em relação aos outros e às coisas”, destacando a autoimplicação de quem aprende, no âmbito desse processo, demandando uma autotransformação.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo assume o caráter de uma investigação bibliográfica exploratória, com o propósito de melhor observar o tema estudado. O interesse pelo tema surgiu a partir das trocas e ensinamentos da disciplina Docência na Educação Superior, ministrada pelo professor José Pedro Boufleuer no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Com isso, a bibliografia mencionada é também a que constitui a referência-base dessa disciplina.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O fazer pedagógico, que vem se realizando ao longo dos tempos, há muito é tema de discussões. E hoje sabemos da importância de uma educação que faça sentido, tanto para quem



**XXIII ENACED**  
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**  
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E  
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**  
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,  
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí

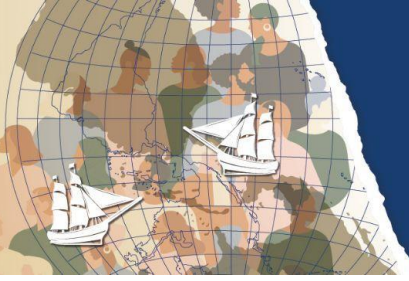


aprende como para quem ensina. Com isso, é possível pensar que o papel do professor está pautado numa certa sintonia para com o aluno, na capacidade de estabelecer uma interação que já não se confunde com o sistema de exposição e de repetição de conteúdos que marcou fortemente a forma de ensinar em tempos passados.

Boufleuer (2023) lembra a metáfora do professor organista, tal como sugerida por Comênio, o pai da didática moderna. De acordo com esta metáfora, o professor poderia ensinar qualquer tipo de conhecimento desde que tivesse aprendido a dar aula, ou seja, desde que tivesse o domínio de uma didática de ensino, tal como um exímio organista que é capaz de tocar qualquer música, desde que a partitura lhe seja colocada à disposição. O professor assim entendido, poderia, portanto, transmitir qualquer conteúdo de ensino, ainda que jamais tivesse se ocupado com o seu estudo ou refletido sobre ele. Esta metáfora convida a questionar um sistema de ensino em boa medida ainda hoje vigente, especialmente quando não há o preparo e envolvimento do professor com o que constitui propriamente o conteúdo de seu ensino, acreditando que tudo se resume a uma adequada metodologia de ensino.

Em contrapartida, sugere Boufleuer (2023), a atividade pedagógica deveria se orientar pelo modelo do professor recepcionista, que pressupõe uma ação de acolhida ao mundo com a respectiva apresentação das diferentes dimensões sociais e culturais que o constituem. Com base nessa sugestão, cabe ao professor o trabalho de informar e também justificar os saberes considerados válidos, as regras e valores que orientam a vida social, demonstrando a sua importância a quem está chegando ao mundo humano. Enfim, nesse modelo recepcionista, compete ao professor “produzir um entendimento, oportunizar um aprendizado baseado na compreensão de razões” (Boufleuer, 2023, p. 42). A perspectiva do entendimento traz à tona a dimensão da subjetividade presente na ação pedagógica, pois para entender, ou compreender razões acerca de algo, seja uma regra ou algum tipo de saber, exige-se que esse algo faça sentido para quem é convidado a aprendê-lo ou assumi-lo como um traço de sua formação e constituição de identidade.

E é nesse sentido que Boufleuer também destaca que “nada gruda no aluno a não ser aquilo que ele é capaz de tomar como uma percepção adequada da vida e do mundo” (Boufleuer, 2023, p. 38). Por isso se destaca a importância de um fazer pedagógico que esteja voltado para a interação, que busque despertar o interesse e a curiosidade, que objetive, em última instância,



**XXIII ENACED**  
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
**III SIEPEC**  
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E  
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS  
**V ENTECI**  
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,  
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



a compreensão e elaboração de significado. Dada essa absoluta necessidade de o aprendiz elaborar o seu aprendizado em perspectiva própria, conferindo-lhe sentido, pode-se dizer, como indica Bouffleuer, que humanos não aprendem “de” alguém, mas que humanos podem, isto sim, aprender “por causa” de alguém, que obviamente pode ser o professor (Bouffleuer, 2023, p. 34).

Ao se pensar sobre o que se espera para o aluno, para a sua aprendizagem e a sua vida, põe-se em questão o papel/lugar das instituições de ensino e do próprio professor. E esse papel/lugar que se espera que possam ocupar é o de formação, de atenção, de reflexão, de construção de conhecimentos, de opiniões e de constituição de identidade. Bouffleuer (2023, p. 44), ao dissertar a respeito desse ponto, destaca que não é suficiente “o aluno se dar bem na escola ou na universidade. É preciso que ele seja preparado para a vida, de modo que possa ter uma “vida boa”, como se tem dito no âmbito da filosofia. É essa a razão de ser das instituições educativas”. E é exatamente por isso que o fazer pedagógico não pode se pautar na mera transmissão, mas sim na compreensão e conexão prévia do professor com o conteúdo, que é demonstrado aos alunos, enquanto estes são convidados a realizarem suas próprias conexões (com os seus saberes prévios, com suas experiências de vida). O processo pedagógico sempre terá duas vias, do professor para o aluno e do aluno para o professor.

Tudo ao nosso redor muda com o decorrer do tempo, inclusive a educação, tendo essa ainda que se adaptar às mudanças internas e externas, o que demanda investimento. Muito se pode refletir ao olhar para o histórico da escola, e muito se pode pensar acerca da forma como hoje ela se apresenta, mas também muito se pode desejar em termos de sua melhora, no sentido de que todos que a compõem cumpram o seu papel para torná-la um ambiente em que conhecimentos se constroem, não sendo simplesmente transferidos de forma engessada.

Bouffleuer (2023, p. 33) destaca o sentido sempre renovado de todo o conhecimento que humanos aprendem pelo fato de ele não ser da ordem dos instintos, mas estabelecido no âmbito da linguagem. Situado no âmbito da linguagem, numa forma exclusiva dos humanos, o conhecimento sempre se ajusta, de alguma forma, à perspectiva de cada novo aprendiz, envolvendo as vivências particulares tanto de quem o comunica como de quem aprende, e que torna a aprendizagem algo tão interessante e tão complexo, por não ser, de forma alguma, um processo linear:

A espécie humana se faz criativa e inventivamente exatamente por ter desenvolvido esse “fazer de conta” de uns dizerem coisas para os outros como se algo se passasse,



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



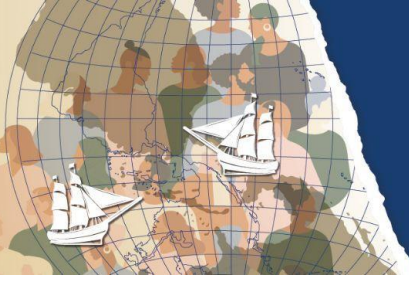
quando, na verdade, nada se passa, nada se recebe, nada se transmite. No entanto, tudo se cria e se transforma “diante” do outro (Boufleuer, 2023, p. 34)

Desta forma, como há dois polos aprendentes em sala de aula, ou seja, o professor e aluno aprendendo juntos, há também dois polos de deveres: como o aluno possui o dever de ir até a escola e se dedicar ao seu processo de aprendizagem, o professor deve ter se dedicado, compreendido e se afeiçoado àquilo que pretende ensinar, para que somente assim esse processo tenha resultados satisfatórios.

Isso sugere que a verdadeira cognoscibilidade é coparticipada, porque não conhecemos de modo absolutamente isolado, já que, de alguma forma, sempre dialogamos com quem nos precedeu na cultura e com aqueles que compartilham conosco o tempo presente (Boufleuer, 2023, p. 35).

Não é possível existir a Escola ou a Universidade sem os alunos, e os alunos não existem sem alguém quem os ensine. Com isso, entende-se a necessidade de uma reciprocidade nesse processo, que é sempre pedagógico e que pressupõe participação ativa de ambas as partes.

Vemos atualmente uma grande responsabilização do professor pela falta de qualidade da educação, ou pelo não cumprimento das metas que lhe são traçadas. Pesquisas acadêmicas, pareceres dos órgãos técnicos e manifestações no âmbito do senso comum costumam apontar para o professor quando a educação fracassa ou seus objetivos não são adequadamente alcançados. Hoje em dia isso se acentua à medida que se tem ampla abertura para que a comunidade externa veja o funcionamento da escola e possa saber de tudo que envolve o seu processo de ensino. Isso instaura grande pressão e cobrança em cima do agente principal da ação escolar, ou seja, sobre o professor. Importa observar, no entanto, que o processo de ensino e aprendizagem pressupõe uma via de mão dupla, com tarefas e responsabilidades de ambas as partes, isto é, do professor e do aluno. Mas também podemos considerar que o trabalho do professor não inicia propriamente da estaca zero. Ao receber o aluno em sua classe ele está diante de quem já tem um percurso de aprendizagem, que se iniciou na família. Por isso o êxito maior ou menor, ou eventualmente o fracasso por parte do aluno, deve ser visto também a partir do aluno, que iniciou muito cedo seu processo de aprendizagem, que está tendo seus próprios interesses. Assim, o maior ou menor sucesso da ação do professor também depende do aluno, assim como de vários outros agentes, como seus pais, seus professores de anos anteriores, bem como de órgãos e instâncias de apoio dos quais se espera uma corresponsabilidade na ação escolar.



**XXIII ENACED**  
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
**III SIEPEC**  
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E  
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS  
**V ENTECI**  
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,  
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

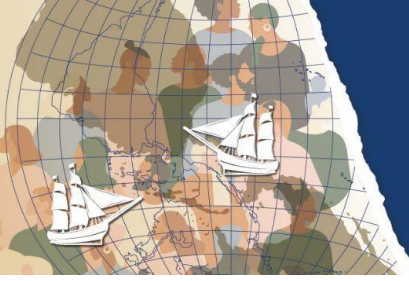
20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



De outra parte, pode-se dizer que a ação do professor também é condicionada por uma série de influências que, de alguma forma, ajudaram na sua formação docente. E nesse sentido podemos falar da influência dos professores que teve durante o seu curso de graduação/licenciatura, dos colegas professores de suas primeiras práticas e estágios que lhe serviram de suporte e inspiração, dentre outros que contribuíram para que se constituísse professor de uma forma muito singular. Assim, pode-se dizer que cada professor carrega um pouco dos seus professores, e de quando fora aluno. Da mesma forma como irá carregar um pouco de muitos alunos com quem já trabalhou ou ainda irá trabalhar. O que, claramente, não tira a responsabilidade do professor frente ao que lhe compete no âmbito de sua ação, mas que desestimula a percepção de que ele está sozinho empenhado nessa tarefa. Inclusive se poderia falar dos condicionantes sociais, políticos e de classe que se fazem presentes na ação escolar, sabendo que a escola não é uma instância isolada de todas as outras que interferem na formação do aluno, o que inclusive pode e merece ser discutido em um novo estudo.

Claramente, nessa perspectiva, também não se pode esquecer que precisamos da figura de autoridade do professor, profissão que por si só se bastava antigamente para demonstrar autoridade, mas que hoje nem sempre é interpretada dessa forma. Muitas famílias e alunos se valem da abertura da escola para sua participação para passarem por cima da figura e autoridade do professor, acreditando que todo o seu trabalho devesse se realizar em conformidade com o que imaginam ser o adequado, como se a escola e o trabalho do professor não tivessem uma razão própria de ser, ainda que nem sempre coincidente com o que as famílias pensam ou desejam.

Nessa direção cabe lembrar de uma dimensão própria da relação pedagógica, que é o seu caráter tensional. O que a escola ensina e convida o aluno a aprender nem sempre está no âmbito dos seus desejos e interesses mais imediatos. Por isso, não se pode incorrer no erro de deixar que ele determine o que a escola deve fazer ou ensinar. Nesse sentido, a relação pedagógica pressupõe um aspecto coercitivo, da imposição de uma obrigatoriedade que, se espera, o aluno possa reconhecer em sua validade quando mais tarde a vida lhe revelar todo o seu alcance ou valor. Nesse sentido, “enquanto anterioridade pedagógica, o educador sempre deve insistir que o aluno se dedique a aprendizados que este ainda não percebe como importantes ou necessários” (BOUFLEUER, 2023, p. 37).



**XXIII ENACED**  
ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
**III SIEPEC**  
SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E  
PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS  
**V ENTECI**  
ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO,  
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí

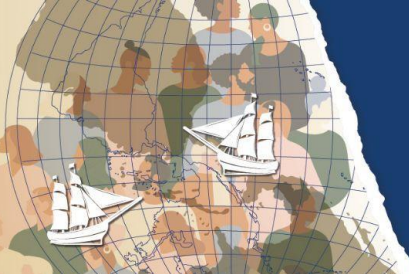


Enfim, por esses e outros motivos podemos falar do desafio que o lugar de professor representa, haja vista as muitas e diferentes batalhas na quais acaba se envolvendo. Em sua condição de agente de formação, ele se comunica com diferentes coordenações pedagógicas, com diferentes famílias e com diferentes alunos. Às vezes pode acreditar ser apenas um instrumento (da instituição, do governo, da sociedade, da cultura...) para levar aquilo que querem que ele leve às novas gerações. Mas pode-se dizer, pensando metaforicamente, que ele exerce a função de um guia. Ele mostra aos alunos todos os pontos que ele vê, o que pensa e o que já descobriu, e então a partir disso os alunos podem observar se veem a mesma coisa, realizar testes de perspectiva, terem suas interpretações e serem guiados a muitas paisagens diferentes, em pontos de vista diferentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar da figura do professor por vezes ficou a dúvida se seria o caso de falar de seu papel ou de sua função. Mas quem sabe tivéssemos que falar do “ser” professor, pois o que dele se acaba esperando é mais do que um fazer, ou o cumprimento de uma tarefa. Poderíamos dizer, neste sentido, que para o aluno talvez importe mais o que ele significa como instigação para a sua aprendizagem e sua constituição como sujeito do que aquilo que ele acaba fazendo ministrando alguma matéria, ensinando especificamente alguma coisa. Ao lado disso, ou junto a isso, deve ter ficado evidente que a função docente demanda tempo, dedicação, estudo, conhecimento e disposição para assumir o ônus de uma anterioridade pedagógica. Assim, seja falando de função docente, de seu papel ou de seu lugar, ou ainda de seu “ser”, estamos falando da importância do professor ou nos referindo a alguma dimensão que a docência envolve.

Assim, como refletido ao longo do trabalho, o ato pedagógico necessita a conexão desse “papel/lugar/ser” docente com o outro polo, o aluno. Professor e aluno, por isso, são polos de uma relação que requer reciprocidades, ainda que ocupem posições distintas em relação ao que é ensinado e ao que deve ser aprendido. Nesse sentido, só se fala de ato pedagógico porque há uma tradição social e cultural a ser tematizada, a ser compreendida em suas razões próprias, para o que o saber ou o aprendido antes por parte do professor se torna fundamental e necessário.



**XXIII ENACED**

ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**III SIEPEC**

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS

**V ENTECI**

ENCONTRO DE DEBATES SOBRE TRABALHO, EDUCAÇÃO E CURRÍCULO INTEGRADO

**CIÊNCIA, DEMOCRACIA  
E DECOLONIALIDADE:  
CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

20 a 22/05/2024  
Unijuí, campus Ijuí



Situamos a função docente no âmbito de uma tensionalidade própria de sua posição de anterioridade pedagógica, de quem atua no âmbito de um projeto de longo prazo. Por isso o professor pode ter seu trabalho questionado e, em muitos dos casos, incompreendido. Nesse sentido cabe também sugerir aos alunos que valorizem o docente e busquem se situar para além do imediatismo, que consigam ver a importância dos esforços e investimentos os mais diversos que lhes são exigidos, na expectativa de que produzam efeitos positivos ao longo de suas vidas. Também, que assumam a responsabilidade que lhes cabe no processo de sua aprendizagem, que participem da dinâmica interativa proporcionada pelo professor, instigando-se a produzirem sempre novas e mais sofisticadas percepções acerca do mundo e de suas vidas. O ato pedagógico, como vimos, não se dá numa via linear, ou numa única direção, mas se caracteriza por um longo ciclo que se retroalimenta.

Enfim, importa valorizar o professor que cuida do que ensina, que faz sua autoavaliação (que não apenas se baseia no que os alunos responderam nas avaliações), que estuda e reflete, que busca seu constante aprimoramento pela disposição de aprender com cada nova turma de alunos, com cada aula. Ao cultivar tais atitudes, se espera, ele esteja instigando os alunos a também cultivarem a si, como sujeitos que cuidam de si e de sua formação. É isso o que podemos desejar.

## REFERÊNCIAS

BOUFLEUER, José Pedro. **Docência na educação superior: texto-base**. UNIJUI, 2023.

SAVATER, Fernando. Educar é universalizar. *In*: SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martin Fontes, 1998, p. 169-196.